

**Fonte:**

AZEVEDO, Artur. *Teatro de Artur Azevedo - Tomo 1*. Instituto Nacional de Artes Cênicas- INACEN. v. 7 (Clássicos do teatro Brasileiro).

Texto proveniente de:

A Literatura Brasileira – O seu amigo na Internet.

Permitido o uso apenas para fins educacionais.

Qualquer dúvida entre em contato conosco pelo email [dariognjr@bol.com.br](mailto:dariognjr@bol.com.br).

<http://www.aliteratura.kit.net>

**Texto-base digitalizado por:**

Sérgio Luiz Simonato

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas.

O LIBERATO  
Artur Azevedo

*Comédia*

*Oferecida ao Excelentíssimo Senhor  
Doutor Joaquim Nabuco*

*Representada pela primeira vez no Teatro Lucinda do Rio de Janeiro, em 16 de setembro de 1881.*

## **PERSONAGENS**

GONÇALO  
DOUTOR LOPES  
RAMIRO  
MOREIRA  
DONA PERPÉTUA  
ROSINHA

*A cena passa-se na cidade do Rio de Janeiro, em 1880.*

*O teatro representa uma sala. Duas janelas ao fundo, duas portas de cada lado, quatro cadeiras e uma poltrona, consolos.*

## Cena I

**Rosinha**, debruçada a uma das janelas; **Dona Perpétua**, entrando da esquerda, primeiro plano; logo depois **Gonçalo**, da direita, segundo plano.

DONA PERPÉTUA (*Entrando de muito mau humor, com um vergalho na mão.*) - Ora valha-me Deus! Não me faltava mais nada!...

ROSINHA e GONÇALO (*Descendo ao proscênio.*) - O que foi?

DONA PERPÉTUA - O diabo do negro - Deus me perdoe! - agora é que se lembrou de cair doente! Como até estas horas não saía do quarto, fui buscá-lo preparada com este vergalho, e encontrei-o ardendo em febre. Desavergonhado!

GONÇALO (*Timidamente.*) - O Liberato?

DONA PERPÉTUA - O Liberato, sim senhor Pois quem havia de ser? É surdo? Que inferno! Esta só a mim acontece!

ROSINHA - É coisa de cuidado?

DONA PERPÉTUA - Um negro nunca tem coisa de cuidado! E este diabo, se não fosse valer uns oitocentos mil réis...

GONÇALO - Vou chamar o médico?

DONA PERPÉTUA - Vá, homem de Deus, vá! Mexa-se, com todos os demônios! Parece estar a dormir!

GONÇALO (*Vai buscar o seu chapéu sobre o consolo que deve estar entre as duas janelas, e dirige-se para a esquerda, segundo plano. A Rosinha, que se dirige à porta da esquerda, primeiro plano.*) - Onde vai?

ROSINHA (*Naturalmente.*) - Vou ver o Liberato;

DONA PERPÉTUA (*Com autoridade.*) Fique! (*Rosinha volta e vai para a janela.*) Por causa destas e de outras confianças, é que o demônio do negro...

GONÇALO (*Quase a sair, parando.*) - Adoeceu?

DONA PERPÉTUA - Cale-se. (*Gonçalo desaparece*) Agora vá lá ficar o dia inteiro, como é seu costume! Que marido! (*Sai pela direita, segundo plano.*)

## Cena II

### Rosinha, só

[ROSINHA] (*À janela. Ouvindo dar horas tem um gesto de impaciência e desce ao proscênio.*) - Duas horas, e primo Ramiro nada de aparecer! A que será devida esta demora? É o primeiro domingo em que não aparece logo depois do meio dia! Estará doente? (*Aplicando o ouvido.*) Parece que sobem a escada... Deve ser ele... É ele, é, não me engano... (*Aparece Moreira da esquerda, segundo plano.- Vendo-o, despeitada.*) - Ora!

## Cena III

### Rosinha, Moreira

MOREIRA (*Entrando.*) - Licença para um. (*Dirigindo-se a Rosinha, com muita amabilidade.*) Como tem passado, Dona Rosinha? Tem passado bem?

ROSINHA (*Secamente.*) - Bem, obrigada.

MOREIRA (*Sentando-se na poltrona. Tem deixado o seu chapéu sobre o consolo que estará entre as duas portas da esquerda.*) - Eu vou indo conforme Deus é servido. (*Tomando uma pitada de tabaco, movimento este que repete quatro ou cinco vezes durante a peça.*) Mamãe está boa?

ROSINHA - Boa, obrigada. (*Vai à janela, a ver se chega o primo.*)

MOREIRA - Não lhe pergunto por papai, porque o encontrei ali na esquina. Disse-me que ia chamar o médico para ver o negro, que caiu doente. Isto de negros, põem-se finos com duas lambadas. Lá na fazenda, tenho o Doutor Bacalhau que faz milagres!

ROSINHA (*Voltando da janela.*) - O senhor viu por aí primo Ramiro?

MOREIRA (*Muito sério.*) - Vi, minha senhora, e também vi seu tio!

ROSINHA (*Interessada.*) - Onde?

MOREIRA - Na tal conferência!

ROSINHA - Que conferência?

MOREIRA - Pois não sabe que se trama entre nós uma grande conspiração contra a propriedade particular?

ROSINHA - Uma grande conspiração?

MOREIRA - Que meia dúzia de rapazolas inconstantes, que nada tem que perder, que não possui um moleque ou uma negrinha para remédio, arvorou-se em defender a emancipação dos escravos, empunhando o facho da discórdia, e anda a proclamar *urbi et orbi* - pelos botequins, pelas gazetas e até pelos teatros - a dilapidação da fortuna particular?!

ROSINHA - Deveras?

MOREIRA - Em outra qualquer parte que não fosse o Rio de Janeiro, isto seria uma quadrilha de ladrões; aqui chama-se a isto o Partido Abolicionista! (*Erguendo-se percorrendo a cena, de muito mau humor.*) Pois não! Uma gente sem eira nem beira, nem ramo de figueira: uns pobres diabos, carregados de esteiras velhas, que se ralam de inveja, quando vêm um cidadão prestante como eu, que possuo cinqüenta escravos, ganhos com o suor do meu rosto! (*Surpreendendo um sorriso de Rosinha.*) Sim, senhora: ganhei-os com o suor do meu rosto, a trabalhar, (*Gesto como se tirasse suor da testa com o polegar.*) e não a dizer baboseiras no teatro...

ROSINHA - E foi no teatro que se encontrou com primo Ramiro?

MOREIRA - No teatro, sim, senhora: agora há comédias também de dia. E seu primo dava palmas e gritava: — Bravo! - àquela caterva de desmiolados que desejam a ruína do país!

ROSINHA - Oh!

MOREIRA - Do país, sim, que depositou na grande lavoura as suas esperanças. — E seu tio, o Doutor Lopes, um homem formado, que deve ter juízo, nem sequer repreendia o filho!

ROSINHA - Modere-se, Senhor Moreira!

MOREIRA (*Esbravejando.*) - A ruína do país ainda não é nada!... Mas o aniquilamento da riqueza particular? E o meu dinheiro?

ROSINHA - Vejo que o senhor é um patriota...

MOREIRA - Patriotismo é isto (*Bate no ventre.*) e isto. (*Sinal de dinheiro.*) Já não bastava a famosa lei de 28 de setembro, que me obriga a educar moleques que não são meus filhos, e que, se são meus filhos, não são meus escravos! Canalha! (*Muito exaltado, e ameaçando, com os punhos cerrados, a porta da rua.*) Canalhas!

ROSINHA - Modere-se.

MOREIRA - Tem razão; o melhor é não dar-lhes importância. (*Põe-se de novo a passear pela sala, proferindo frases entrecortadas. Acalma-se pouco a pouco. Rosinha, durante este passeio, vai de novo à janela ver se chega o primo, e volta. Pausa.*)

ROSINHA - Com que então, o senhor tem cinqüenta escravos, hein?

MOREIRA (*Muito amável, pegando-lhe na mão.*) - Cinqüenta escravos que serão seus no dia em que consentir que eu peça a seus pais esta mãozinha.

ROSINHA (*Admirada.*) - Que a peça? Mas... para quem?

MOREIRA - Para mim mesmo; pois para quem há de ser?

ROSINHA (*Retirando-lhe a mão, sorrindo.*) - Neste caso, desconfio, meu caro senhor, que os seus escravos nunca serão meus.

MOREIRA (*Desabridamente.*) - Veremos.

ROSINHA - Hein?

MOREIRA - Pois não é tão bom possuir cinqüenta escravos? Cinqüenta e um, porque eu serei o mais humilde, o mais cativo de todos os seus cativos.

ROSINHA - Se julga que os meus pais disponham de mim com a mesma facilidade com que o senhor pode dispor de seus escravos...

MOREIRA - Mas, Dona Rosinha...

ROSINHA - O senhor bem sabe que meu coração já está dado, e vamos e venhamos - muito bem dado.

MOREIRA - Ora o seu coração! Sei que a namora o tal primo Ramiro; mas entre o namoro de um rapaz estabonado, que vai dar palmas a discursos de demagogos de meia tigela, e o amor calmo e refletido de um homem de senso prático, deputado provincial, proprietário agrícola e senhor de cinqüenta escravos, não me parece que haja hesitação possível!

ROSINHA (*À parte.*) - É divertido!

MOREIRA - E depois, nunca ouviu falar das desastrosas conseqüências de matrimônios entre parentes consangüíneos? Quer ter filhos idiotas?

ROSINHA (*Baixando os olhos.*) - Senhor Moreira..

MOREIRA - E eu... como não sou seu primo...

ROSINHA - Não é meu primo... (*Rindo-se.*) mas podia ser meu avô...

MOREIRA - Não exagere: eu tenho apenas cinqüenta anos.

ROSINHA - Justamente o número de escravos. Nada: prefiro ter filhos idiotas a ter um marido velho. Demais, Deus é bom e misericordioso: não há de permitir que eu seja mãe de idiotas.

MOREIRA - Se tiver filhos perfeitos, onde irá buscar meios para educá-los? Seu primo é um simples praticante de secretaria...

ROSINHA - Amanuense, aliás.

MOREIRA - Ou isso. Eu tenho talvez o dobro da idade dele, não nego; mas gozo de uma posição social definida. Tenho influência política... Não sou amanuense. Ser lavrador é tudo...

ROSINHA (*Atalhando.*) -... neste país essencialmente agrícola, já sei... Vou prevenir mamãe de sua visita... (*Vai a sair pela direita, segundo plano, e volta-se.*) Diga-me cá, Senhor Moreira: seus pais eram primos? Ah! Ah! Ah!... (*Sai*)

#### Cena IV

Moreira, só

[MOREIRA] - Ri-te, ri-te, minha sirigaita. Eu cá farei a cama a teu primo, que é o único obstáculo que se levanta entre nós. Era o que me faltava ver! Ser vencido por amanuense, eu, que sou senhor de trinta escravos...sim, porque, cá entre nós, só tenho trinta escravos. — Ao pai já falei... Mas o Gonçalo nada resolve por si... Felizmente a velha não morre de amores pelo tal priminho... Hei de falar-lhe hoje mesmo... *(Depois de uma pequena pausa.)* Ah, Major Gaudêncio! Major Gaudêncio! você é que é a causa destas declarações inoportunas de um amor que não sinto. — O caso é este; o Major Gaudêncio, o padrinho desta pequena, é um velho octogenário, que quebrou relações com o compadre por via das impertinências da comadre, e retirou-se para Maricá. Ora, aqui há coisa de mês e meio, o Major Gaudêncio disse-me em confiança que fizera o seu testamento e, não tendo parentes, instituíra a afilhada herdeira universal de todos os seus bens, que hão de orçar por trinta ou quarenta contos. — Estou, por conseguinte, empregando meios e modos para apanhar esta sorte grande... O diabo é que isto de primos...

## Cena V

### Moreira, Rosinha, depois Gonçalo

ROSINHA *(Da direita, segundo plano.)* - Mamãe pede-lhe que faça o favor de ir ter com ela; espera-o na sala de jantar.

MOREIRA - Lá vou. *(Vai saindo pela direita, segundo plano, e para.)* Reflita bem: com seu primo, a miséria dos amanuenses; comigo, uma bela fazenda de café, cinqüenta escravos, meia dúzia de apólices de conto de réis e, quando quiser, um título de baronesa. *(Sai.)*

ROSINHA *(Só.)* - Nem todo o ouro da terra, nem todos os títulos do mundo me fazem esquecer do meu Ramiro. *(Aplicando o ouvido.)* Sobem a escada... Oh! desta vez não pode deixar de ser ele! *(Vendo entrar o pai da esquerda, segundo plano, despeitada.)* Ora!

GONÇALO - Já chamei o médico. Onde está mamãe?

ROSINHA - Lá dentro, na sala de jantar. *(Gonçalo vai saindo.)* Está lá também o Senhor Moreira.

GONÇALO *(Parando.)* - Ah, está lá o Moreira? *(Coçando a cabeça.)* Este Moreira... *(Resolutamente, depois de uma pequena pausa.)* Olha, minha filha, tu sabes como é tua mãe... Se ela quiser, não queiras!

ROSINHA - O quê?

GONÇALO - Não queiras senão teu primo. Bate-lhe o pé! Se eu estiver do lado da tua mãe, não faças caso: bate-me o pé também a mim...

ROSINHA - Mas...

GONÇALO - Aí vem teu primo. Amem-se à vontade. *(Sai.)*

ROSINHA - Ele! Finalmente!... *(Corre ao encontro de Ramiro, que entra como um raio, pela esquerda, segundo plano, e conserva o chapéu na cabeça.)*

## Cena VI

### Rosinha, Ramiro

RAMIRO - Prima!

ROSINHA - Por que não vieste há mais tempo?  
RAMIRO - Hoje quase morri!  
ROSINHA - Credo!  
RAMIRO - De entusiasmo!  
ROSINHA - Respiro.  
RAMIRO - Que talentos! que idéias! que eloquência! que mocidade!  
ROSINHA - Nunca te vi assim!  
RAMIRO - Pudera! Se eu nasci hoje! Até agora, tu, só tu enchias o meu coração; doravante tens uma rival: a liberdade! É que nunca me lembrei de que um milhão e meio de homens amargam neste país a sorte mais bárbara, o mais horrível destino! *(Passando.)* Oh! viva a liberdade, formosa deusa que ilumina o mundo!  
ROSINHA - Que entusiasmo! Não me faças tu ter ciúme da liberdade!  
RAMIRO - Onde está teu pai!  
ROSINHA - Está lá dentro, mas dize-me...  
RAMIRO - Onde está tua mãe?  
ROSINHA - Lá dentro. Mas... o que tens tu?  
RAMIRO - E o Liberato?  
ROSINHA - Está doente.  
RAMIRO - Vai chamar teu pai, vai chamar tua mãe, vai chamar o Liberato!  
ROSINHA - Mas se te acabo de dizer que o Liberato está doente?  
RAMIRO *(Com piedade.)* - Doente! doente!... *(Outro tom.)* Quero aqui reunido um conselho de família!  
ROSINHA - Um conselho de família! Mas o que será, meu Deus!  
RAMIRO - Vai, Rosinha, vai... Trago no coração um peso enorme! Meu pai não pode tardar aí. A sua presença também é indispensável.  
ROSINHA - Mas como estás hoje! Tira o chapéu, dá cá a bengala. *(Ramiro obedece. Triste.)* Nem sequer me perguntaste como passei.  
RAMIRO *(Tomando-lhe as mãos.)* - Perdoa, Rosinha, perdoa. Amo-te muito, muito, muito! És um anjo, e eu só me considerarei digno de ti, depois deste conselho de família! - vai chamar teus pais.  
ROSINHA - Vou já. *(Sai pela direita, segundo plano, depois de ter posto a um canto a bengala e o chapéu do primo. Ramiro vai ao encontro de Lopes, que entra da esquerda, segundo plano.)*

## Cena VII

### Ramiro, Doutor Lopes

RAMIRO - Ah, meu pai! Chega em boa ocasião! Mas por que não veio comigo?  
LOPES - Tinha que ir à casa consultar a lei e arranjar os quinhentos mil réis. *(Batendo na cabeça.)* Cá está a lei *(Batendo na algibeira do peito.)* e cá está o dinheiro.  
RAMIRO - Compreendo: o pecúlio do escravo.  
LOPES - Já lhes falaste?  
RAMIRO - Ainda não. Convoquei-os a um conselho de família, aqui na sala.  
LOPES - Entusiasmou-me o teu entusiasmo, e a tua humanitária lembrança me encheu de orgulho de ser teu pai. És o homem que eu sonhava, quando te acalentava ao

colo. No período abolicionista que atravessamos, ser escravagista já não é mau nem absurdo: é ser ridículo.

RAMIRO (*Olhando para a porta da direita, segundo plano.*) Eles aí vem... Eles e... e o Moreira, se não me engano.

LOPES - O Moreira? Má notícia.

## Cena VIII

### Ramiro, Lopes, Rosinha, Dona Perpétua, Moreira, Gonçalo

DONA PERPÉTUA (*Com impertinente volubilidade, enquanto Rosinha toma a bênção a Lopes, e Gonçalo e Moreira, cumprimentam Lopes e Ramiro.*) - Viva lá, senhor meu sobrinho! Então Vossa Excelência não se quis dar ao trabalho de entrar? Se nos queria falar, por que não foi lá ter, senhor fidalgo? Quem tem a dor de dentes é que vai ao barbeiro. Tão longe era de cá lá como de lá cá! (*Vendo o Doutor Lopes*) Olé! também aí está, senhor meu mano? Viva! Como vai de saúde o senhor advogado? Há de fazer o favor de me explicar que farsa é esta de conselho de família, que a Rosinha não soube dizer. Estamos todos reunidos. Diga lá o que pretende, senhor meu sobrinho das dúzias!

LOPES (*À parte.*) - É uma máquina Marinoni a falar!

MOREIRA - Perdão, mas ao que parece, sou aqui demais.

LOPES (*Com desembaraço.*) - Na realidade, uma vez que se trata de um conselho de família...

RAMIRO (*Idem*) - E não pertencendo o senhor Moreira à família...

LOPES (*Idem*) - Que nos conste...

DONA PERPÉTUA - Não pertence à família, mas... quem sabe? O mundo dá tantas voltas...

MOREIRA - Isso é verdade, minha senhora: as voltas que o mundo dá! (*Indo buscar o seu chapéu à esquerda.*)

DONA PERPÉTUA - Fique. (*Toma-lhe o chapéu, e coloca-o onde estava.*) O Senhor Moreira é pessoa de nossa amizade; pode assistir ao conselho; pode mesmo tomar parte dele.

MOREIRA - Nesse caso, peço licença para representar aqui o Major Gaudêncio, que é um quase parente.

DONA PERPÉTUA - Bem lembrado: representa o compadre Gaudêncio. (*Moreira senta-se.*)

LOPES - A falar no Major Gaudêncio. Aqui tem, mano Gonçalo, uma carta de Maricá... Entregou-ma o carteiro, no corredor, quando eu subia.

DONA PERPÉTUA (*Tomando a carta que ia ser entregue ao marido.*) - Dê cá. Nesta casa sou eu que abro as cartas. Lerei logo mais, não tenho aqui meus óculos. (*Fica com a carta fechada na mão.*)

MOREIRA (*Passando perto de Rosinha.*) - Este mundo dá tantas voltas!

RAMIRO (*Que observou.*) - O que lhe diria ele?

LOPES - Bem, sentemo-nos. (*Colocando a poltrona no centro da cena.*) Este é o ligar de honra; deve ficar aqui o dono da casa, para presidir o conselho.

DONA PERPÉTUA (*Sentando-se na poltrona.*) O dono da casa sou eu.

LOPES - Perdão, mana, mas a casa é de Gonçalo.

DONA PERPÉTUA (*Repoltreada.*) - Por isso mesmo.

LOPES - A... mana manda mais que o galo.

DONA PERPÉTUA (*Erguendo-se de um salto.*) - Observo-lhe, senhor meu mano, que eu não sou galinha.

LOPES - Bem! Não val'zangar-se. (*Colocando duas cadeiras de cada lado da poltrona.*) Senta-te aqui Ramiro. (*Fá-lo sentar-se na primeira cadeira a começar da esquerda.*) Rosinha, tu aqui. (*Na segunda.*) O Senhor Moreira ali. (*Na quarta.*) e eu aqui. (*Na terceira. - Estão todos sentados na seguinte ordem, a começar da esquerda: Ramiro, Rosinha, Dona Perpétua, Lopes, Moreira.*)

GONÇALO (*De pé.*) - E eu?

DONA PERPÉTUA - Fica onde quiseres. Enquanto deliberamos, vai lá dentro, pega numa agulha e cose. (*Gonçalo procura com a vista uma cadeira, e, não a encontrando, vai debruçar-se na sacada ao fundo, ficando de frente para a cena.*)

DONA PERPÉTUA - Está aberto o conselho de família.

RAMIRO (*Erguendo-se.*) - Tomo a palavra. Reuni-os para comunicar-lhes uma idéia grandiosa que há duas horas me anda dançando no cérebro.

LOPES (*A uma cara de Dona Perpétua.*) - Não se assuste com essa coreografia, mana.

RAMIRO - Nós possuímos um escravo.

DONA PERPÉTUA - Um só, infelizmente. Meu pai, teu tio, morreu sem testamento.

LOPES - *Ab intestato.*

DONA PERPÉTUA - Deixou por única herança um escravo. (*Lopes ergue-se. Ramiro senta-se.*)

LOPES - Não houve composição entre os herdeiros: o escravo não foi à praça... Como o negro, apesar de ser coisa, não era coisa que se dividisse, sim, porque afinal de contas, eu não podia ficar com a cabeça, ali a mana com uma perna, etc., resolvemos fazer o que em direito se chama uma partilha amigável. O escravo veio prestar serviços à mana, sem deixar, *ipso facto* de nos pertencer a todos. (*Senta-se. Ramiro levanta-se.*)

RAMIRO - Muito bem. Este pobre Liberato, que assim se chama o escravo...

LOPES - Paradoxo batismal;

RAMIRO - Esse pobre Liberato há vinte anos que nos presta muito bons serviços.

DONA PERPÉTUA (*Erguendo-se.*) Muito bons serviços? Ora, sou sua criada, senhor meu sobrinho! Muito bons serviços! Um desavergonhado! Um preguiçoso! Um beberrão!

RAMIRO (*Com violência.*) - Desavergonhado! E quer que tenha vergonha um miserável escravo!

LOPES (*Idem.*) - Preguiçoso! E quer que seja ativo quem nunca viu a recompensa do seu trabalho!

RAMIRO (*Idem.*) - Beberrão! Nunca se constou que o Liberato bebesse! (*Todos se erguem e falam ao mesmo tempo. Gonçalo desce ao proscênio. Confusão geral.*)

RAMIRO - É uma injustiça! Sugar-lhe o sangue durante vinte anos, e, ao cabo, tratá-lo desta sorte! Isto brada aos céus!

LOPES - Com isto já contava eu! E então quando a mana souber da idéia do Ramiro! O melhor é tratar já do depósito!

DONA PERPÉTUA - É um preguiçoso, um beberrão, repito! Não presta para nada! Não me tem dado senão desgostos o maldito do negro!

ROSINHA - Mas, meu Deus! o que é isto? Fale cada um por sua vez! Assim não se podem entender! Silêncio!

MOREIRA - E então! Estamos na Assembléia Provincial? Entendam-se!

GONÇALO - Isto parece mais a Praia do Peixe! Silêncio! Olhem os vizinhos!

RAMIRO (*Conseguindo falar mais alto que os outros, que se calam.*) - Há dez anos, em 1870, penetrou um ladrão nesta casa. A senhora, minha tia, viu-o e deu um grito! O ladrão avançou, e matá-la-ia com um punhal, se o Liberato, interpondo-se, não o tivesse subjugado.

LOPES - A mana deve a vida a esse desavergonhado, a esse beberrão!

DONA PERPÉTUA - Grande coisa! Pois se o diabo tinha visto o ladrão, e se me ouvira gritar, não fez mais que o seu dever, que era salvar sua senhora!

RAMIRO - Em que código está prescrito este dever?

DONA PERPÉTUA - E sabe Deus se o negro não se achava ali com as mesmas intenções do ladrão...

RAMIRO - Oh!...

DONA PERPÉTUA - Os negros são capazes de tudo!

LOPES - Você, mana, é um Clube da Lavoura... de saias...

DONA PERPÉTUA - E você é um malcriado!

RAMIRO - Bem, já vejo que perco o meu latim! A minha proposta está prejudicada.

DONA PERPÉTUA - Mas o que nos queria propor este espirra-canivetes?

RAMIRO - O quê? Ouça, mas não desmaie!

LOPES - Tens razão. São necessárias certas precauções. Espera. (*Batendo nas mãos.*) Um... dois... e..

RAMIRO - A liberdade do Liberato.

DONA PERPÉTUA (*Saltando.*) - O quê?...

RAMIRO e LOPES - A liberdade do Liberato.

DONA PERPÉTUA - Isso nem resposta tem. Sabem que mais? Não sejam tolos, seus pedaços d'asnos! (*Falam todos a um tempo. Confusão geral.*)

DONA PERPÉTUA - Era o que me faltava! Alforriar o Liberato! mas por que cargas d'água, seus idiotas?

ROSINHA - Mas que palavras são essas, mamãe? Veja que está aqui o Senhor Moreira.

RAMIRO e LOPES - O que queremos é justo, justíssimo! Um pobre diabo que trabalha de graça há vinte anos, e não nos custou um real!

MOREIRA (*Caindo na poltrona, às gargalhadas.*) - Ah! Ah! Ah!... Só esta agora me faria rir! Ora estes abolicionistas que querem abolir o que não é seu! Ah! Ah! Ah!

GONÇALO (*À parte.*) - Eles não arranjam nada como Dona Perpétua. Oh! com quem se vieram meter! Logo com ela! Boas!...

LOPES (*Dominando com sua voz as demais.*) - Bem, agora falo eu! A mana quer receber em dinheiro a parte que lhe toca e a sua mulher... Oh! quero dizer: a seu marido? (*Moreira ergue-se.*)

DONA PERPÉTUA (*Encarando-o com desdém e encolhendo os ombros.*) - Vou lá dentro buscar os meus óculos, para ler esta carta. (*Sai pela direita, segundo plano, abrindo a carta. Rosinha vai para a janela.*)

LOPES (*A Gonçalo.*) - O que diz você, mano Gonçalo?

GONÇALO (*Coçando a cabeça.*) - Eu?... Eu?... Olhe, eu vou ver o Liberato... O médico ainda não veio e... (*Sai pela esquerda, primeiro plano.*)

LOPES (*A Ramiro, enquanto Moreira vai conversar com Rosinha, à janela.*) - Esta casa é hoje a imagem perfeita do país em que vivemos. Cada instituição tem hoje aqui o seu emblema. Nós somos os filantropos: a utopia, o direito; aquele fazendeiro pedante, a lavoura, uma força; a mana e a Rosinha, a representação nacional: imposição, sofisma, sujeição; Gonçalo, o povo, indiferença e pusilanimidade.

RAMIRO - E lá está o pobre Liberato, para simbolizar a escravatura.

LOPES (*Indo gritar à porta, por onde saiu Dona Perpétua.*) - Ah! é assim que nos trata a mana? Pois é uma questão de capricho! Daqui a uma hora o Liberato está livre! (*Descendo ao proscênio.*) Toma!

DONA PERPÉTUA (*Voltando, com a carta aberta na mão.*) - Hein? Como é lá isso? (*A Moreira, que desce ao proscênio.*) Nem me deram tempo de procurar os óculos!

LOPES - É isso mesmo! Lei número 2040 de 28 de setembro de 1871. Artigo quarto, parágrafo primeiro. pecúlio do escravo. Quinhentos mil réis! Não lhe digo mais nada! (*A Ramiro.*) Vamos, meu filho, vamos buscar a guia ao juízo de órfãos, para fazer o depósito no Tesouro.

RAMIRO - Vamos! (*Tomam os chapéus, e saem, arrebatadamente, pela esquerda, segundo plano.*)

## Cena IX

### Dona Perpétua, Moreira, Rosinha, à janela

DONA PERPÉTUA (*Atônita, de braços cruzados, depois de uma pausa.*) - O que me diz a isto, Senhor Moreira?

MOREIRA (*Muito calmo.*) - Digo, Senhora Dona Perpétua, que nunca vi coisa que me surpreendesse tanto! É o resultado das tais conferências abolicionistas! Só servem para semear a discórdia no seio das famílias! Mas que o Senhor Ramiro tenhas estas idéias, vá; até certo ponto merece desculpa... Mas seu irmão, minha senhora, o Senhor Doutor Lopes, um homem que me parecia tão bom, propor a alforria de um negro! Estou perplexo. Ter um negro, um só, e pretender libertá-lo! Eu cá, tenho sessenta e não liberto nem meio! (*Aproximando-se muito dela e baixinho.*) E é ao Senhor Ramiro que vão dar a mão daquele anjo? (*Aponta para Rosinha, que se tem conservado na janela.*) Ao Senhor Ramiro?! Mas pelo amor de Deus, Senhora Dona Perpétua! o procedimento de seu sobrinho autoriza-me a reiterar o pedido que formalmente lhe fiz ainda há pouco, lá na sala de jantar.

DONA PERPÉTUA (*Muito alto.*) - É sua a mão de minha filha, Senhor Moreira. (*Rosinha volta-se subitamente e desce ao proscênio.*) Não há mais que discutir. (*Com autoridade, a Rosinha.*) Está ouvindo, menina? O Senhor Moreira vai ser teu marido.

ROSINHA (*Naturalmente*) - Isso não é comigo, mamãe. (*Gesto de satisfação de Moreira.*)

DONA PERPÉTUA - Bem sei, é comigo.

ROSINHA - Também não é com vossemecê.

DONA PERPÉTUA - Queres dizer que é com teu pai. Neste casa só se faz o que eu quero.

ROSINHA - Não duvido, mas eu não pretendo casar nesta casa e sim na igreja.

DONA PERPÉTUA - Menina!

MOREIRA (*A Rosinha.*) - Mas, minha senhora, se isto não é com a senhora, nem com seu pai, nem com sua mãe, com quem é então?

ROSINHA - É com primo Ramiro.

DONA PERPÉTUA e MOREIRA - Hein?

ROSINHA - Certamente. Eu dei o meu coração a primo Ramiro. Para dá-lo a outro homem, é preciso que ele mo restitua.

DONA PERPÉTUA - Pois tem o descoco de falar desse modo em presença de tua mãe?

ROSINHA - Quero a minha liberdade. Parece-me que não sou o Liberato! *(Vai de mau modo para a janela.)*

DONA PERPÉTUA - Não é o Liberato! Senhor Moreira, segure-me, senão, deitome a perder.

MOREIRA *(Segurando-a.)* - Minha rica senhora, o mundo está perdido. A liberdade anda agora como Salsaparrilha de Bristol.

DONA PERPÉTUA - Uma menina educada no colégio da Baronesa de Geslin!

MOREIRA *(Segurando-a sempre.)* - Já ouvi dizer que é o melhor colégio da corte!

ROSINHA *(Voltando da janela.)* - Primo Ramiro aí vem, Senhor Moreira. Peça-lhe que ceda o meu coração. Ofereça luvas. *(Vai encostar-se a um consolo da direita.)*

## Cena X

### Dona Perpétua, Moreira, Rosinha, Doutor Lopes, Ramiro

LOPES *(Entrando com Ramiro pela esquerda.)* - Sai, num estado de tal excitação que me não lembrei de que hoje é domingo e o juízo de órfãos não funciona.

MOREIRA *(Sorrindo.)* - Mesmos nos dias úteis, a estas horas já deve estar encerrada a audiência.

RAMIRO - Vimos ainda uma vez propor-lhes uma conciliação. Recebam os quinhentos mil réis.

DONA PERPÉTUA *(Vai como responder, mas arrepende-se.)* - Vou lá dentro buscar os meus óculos para ler esta carta. *(Saindo.)*

LOPES - A mesma impertinência de ainda agora.

MOREIRA - Não é preciso incomodar-se, Senhora Dona Perpétua: se me der licença, eu leio a carta.

DONA PERPÉTUA - Por favor. *(Passa-lhe a carta e Ramiro vai ter com Rosinha.)*

LOPES *(Passeando pela sala, à parte.)* - Nunca vi homem mais metediço.

MOREIRA *(Depois de ler a assinatura.)* - A carta vem de Maricá, mas não é do Major Gaudêncio.

DONA PERPÉTUA - De quem é então?

MOREIRA - É do vigário da freguesia. *(À parte.)* O que será?

DONA PERPÉTUA - Ah! o vigário é conhecido velho de meu marido. Leia.

MOREIRA *(Lendo.)* - “Amigo e Senhor Gonçalo. Vou ter o pesar e ao mesmo tempo o prazer de dar a Vossa Senhoria duas notícias, uma boa e outra má.” *(Aproximam-se todos com curiosidade. Grupo.)* “Deus foi servido chamar à Sua presença o Senhor Major Gaudêncio”. E esta!

DONA PERPÉTUA - Pois morreu o compadre?!

TODOS *(Consternados.)* - Ah!

MOREIRA (*Continuando a leitura.*) - “Abri hoje mesmo o seu testamento. Deixou tudo quanto possui à sua afilhada Dona Rosa, filha de Vossa Senhoria. Os escravos, porém, ficaram livres.”

ROSINHA - E se o não ficassem, eu libertá-los-ia.

RAMIRO - Muito bem, Rosinha!

DONA PERPÉTUA - Era o que havíamos de ver! - Continue, Senhor Moreira.

MOREIRA (*Que tem lido para si o resto da carta, disfarça, fecha-a e entrega-a a Dona Perpétua.*) - É só.

LOPES (*Que se acha ao lado do Moreira, e tem também lido.*) - Perdão, mas o senhor não leu tudo. (*Toma a carta e abre-a.*)

MOREIRA - Ah! É verdade! Esquecia-me que tenho de jantar com um amigo político à Rua de São Clemente. Minhas senhoras e senhores, passem bem! (*Toma o chapéu e sai.*)

ROSINHA - Na verdade, o Senhor Moreira era aqui demais: morreu meu padrinho, já não tinha a quem representar.

LOPES (*Que tem aberto a carta, lendo.*) - “O testador impôs apenas uma condição: Dona Rosa só poderá aceitar a herança, casando com seu primo, o Senhor Ramiro Lopes.!”

RAMIRO e ROSINHA - Ah! (*Corre um para o outro.*)

RAMIRO - Minha tia, agora não peço: exijo a liberdade do Liberato. A felicidade de sua filha está nas minhas mãos,

## Cena XI

### Dona Perpétua, Rosinha, Ramiro, Doutor Lopes e Gonçalves

GONÇALO (*Entrando, fora de si.*) - Sabem?... Sabem?... O Liberato...

TODOS - O que tem?!

GONÇALO - Morreu!

TODOS - Morreu?!

GONÇALO - De repente. Quando entrei no quarto, exalava o último suspiro.

DONA PERPÉTUA (*Desabridamente, depois da muda estupefação geral.*) - E eu, que recusei os quinhentos mil réis!...

LOPES - Com esse dinheiro far-lhe-emos um enterro decente. (*A Ramiro.*) Disseste que o Liberato simbolizava a escravatura; vês? Decididamente a morte é o único meio eficaz de emancipação.

[Cai o pano]

**FIM**